

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 04 - Sociologia da Cultura

O nacionalismo e a formação da identidade nacional do Japão nas representações
visuais da Segunda Guerra Sino-Japonesa

Keilla Kaori Watanabe¹

INTRODUÇÃO

A fim de refletir sobre a guerra e sobre o modo como dela construímos imagens, Sontag (2003) trouxe a realidade na fotografia através das relações políticas que se estabelecem para além da ética, influenciando também interpretações no campo político. Ao passo que a consolidação do nacionalismo japonês coincidiu com o avanço do projeto imperialista, discutimos acerca das representações visuais da Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937–1945) enquanto testemunhos do tempo para investigação da produção da memória e do esquecimento.

Fruto de uma dissertação de mestrado em desenvolvimento, este trabalho tem por objetivo analisar a (re)construção da identidade nacional do Japão, sobretudo nas fotografias de guerra, buscando uma aproximação do discurso visual das produções fotográficas junto ao discurso escrito da produção crítica e histórica (Zerwes, 2016). A partir do diálogo teórico sobre a estrutura conceitual sobre linguagem, cultura, signo, mito e poder (BARTHES, 1971; 1972; 2018) e da origem e disseminação do nacionalismo (ANDERSON, 2013; HOBBSAWM, 1990), serão examinados elementos constitutivos das fotografias do período para compreender os impactos da manipulação e do silenciamento nos debates de

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho (UNESP/FFC). Bolsista de mestrado pelo CNPq. E-mail: keilla.watanabe@unesp.br

reconciliação histórica, especialmente no que diz respeito à legitimação ou à justificação dos crimes cometidos.

No contexto interno do discurso do Japão no pós-guerra, as representações visuais têm, de fato, uma função crítica que desafia a interpretação dominante da história, criando um espaço para discutir o processo de construção da identidade nacional antes e depois de 1945. Dessa forma, o objeto de pesquisa se justifica pela possibilidade de oferecer contribuições para os estudos de ideologias e identidades, além de maior aprofundamento nos aspectos históricos e culturais do Japão, ampliando a história aqui reduzida a um significante pela unidade da nação.

DESENVOLVIMENTO

A título de análise, o recorte em questão possui como enfoque a discussão da construção simbólica do nacionalismo japonês a partir da compreensão das representações visuais no contexto da Segunda Guerra Sino-Japonesa, tendo em vista o apagamento sistemático do registro dos crimes de guerra na cronologia histórica do Japão e, nesse sentido, as apropriações e adaptações das narrativas para a formação da identidade nacional. Assim, a pesquisa resgata o olhar e a linguagem formulados por Barthes para realizar os procedimentos de análise de imagem e constituir um material que reflete a memória do período.

Mediante o exposto, cabe, nesse momento, uma breve apresentação do autor e sua obra. Roland Barthes (1915–1980) foi escritor, crítico, semiólogo, e sobretudo, um filósofo estruturalista francês que evidenciou seu pensamento acerca da fotografia como experiência dos traumas vivenciados, discutindo em torno do papel da imagem fotográfica no mundo contemporâneo. Ao sugerir um significado para cada significante em um sistema e signos, que não se trata de de uma coisa, mas de uma imagem interior ou física de forma figurativa, a decodificação da mensagem gráfica se apresenta de maneira diferenciada, desempenhando um papel fundamental enquanto método documentário de interpretação dos fatos sociais.

No que se refere à semiótica, as interpretações relativas ao nível iconográfico e iconológico de Barthes procuram reconhecer a especificidade da mídia imagética e ancorar estruturas nos textos verbais, sendo partes de um conjunto em sua integralidade a ser decifrado. Em vista disso, Santos (2023) pontua que tais referenciais teóricos podem ser utilizados pelas instituições de poder para atingir seus objetivos, de maneira que a apropriação

das representações socioculturais simbólicas corroborou com o silenciamento e a minimização dos crimes de guerra cometidos pelo Japão contra a China.

Neste aspecto, buscamos refazer esse percurso por meio da seleção de fotografias que retratam a presença do Japão no território chinês entre os anos de 1937 e 1945, ao longo da consolidação de seu nacionalismo moderno, articulando esquecimento, identidade nacional, memória e ideologia junto à pesquisa bibliográfica para abordar como o Japão passou a narrar sua própria história. Para tanto, a ênfase na fonte documental e na fotografia como formas de representação se respalda na representação do mundo, conseguindo através desse arranjo elementos que possam ser transpostos para a comunicação da mensagem e a leitura do texto visual.

Como material de análise, temos fotografias documentais produzidas como registros históricos do conflito, em sua maior parte, retiradas de acervos digitais do Memorial da China e de arquivos nacionais do Japão das décadas de 1930 e 1940, período em que a Segunda Guerra Sino-Japonesa esteve em seu ápice, face ao destemperamento causado pela política expansionista do Japão Imperial que agredia todo o entorno da região. Ao observar os registros fotográficos da Segunda Guerra Sino-Japonesa foram identificados discursos que salientam como as interpretações produzem marcas similares nas vítimas e nas memórias, permitindo o contato com outros olhares sobre aspectos internos e externos.

Embora as fotografias e as coleções fotográficas (impressões de um único fotógrafo ou agência) representem fontes de informações que viabilizam ferramentas para análise da cultura material, estas são enviesadas devido à agenda e à seletividade de quem fotografa, de modo que quanto maior o número de impressões de uma determinada fonte, mais fácil é determinar qual era essa agenda e viés. Sendo assim, somamos a essas fontes as percepções e os dados que vêm da análise de imagem para fornecer um equilíbrio necessário à dependência na palavra escrita sobre a nossa compreensão do passado.

Em relação à natureza da pesquisa, este trabalho se apropria do método de análise proposto por Barthes (1980), no livro *A câmara clara*, que difere um pouco das categorias semióticas desenvolvidas por Peirce, ampliando a abordagem a caminho do simbólico. Além disso, juntamente com as reflexões fundamentadas por Kossoy (2001) a análise possibilita a exploração da fotografia no quesito subjetivo onde são externados os elementos das culturas e como forma de aprendizagem à culturas e costumes das civilizações.

Acerca da análise da fotografia, Barthes (1964; 1980; 2001) nos aproxima da amplitude do tema do discurso que enuncia as imagens através do emprego dos conceitos de

studium e *punctum* para possibilitar a identificação das categorias passíveis de análise, alargando o entendimento acerca da Segunda Guerra Sino-Japonesa. Da abordagem desenvolvida por Kossoy (2001; 2005; 2007), assumem-se as categorias de iconografia, primeira e segunda realidades para investigar os modos como apreendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente, facilitando o raciocínio a ser estruturado por meio dos signos e símbolos.

Essas categorias de análise foram selecionadas a partir do entendimento de que, de maneira prática, a relação do signo e do símbolo representa algo para alguém, mediando um conhecimento, ou seja, define a unidade fundamental da linguagem capaz de produzir sentido, funcionando através de uma semiose “infinita”, onde um pensamento leva a outro (SANTAELLA, 1995). Contudo, mesmo com a representação das fotografias, a exploração da imagem pode ser estendida para outros espaços, obtendo maior contemplação das narrativas e suas respectivas interpretações, de modo que ao observarmos a Segunda Guerra Sino-Japonesa como um evento que na sua dinâmica expõe a pluralidade de ideias e símbolos para construção da identidade nacional do Japão.

Nesse sentido, as teorias de Anderson (2013) e Higashinakano (2005) possibilitam uma análise sociohistórica sobre a (re)construção do nacionalismo do Japão e seus simbolismos. Essas escolhas foram feitas pela compreensão dos autores sobre o fenômeno social da guerra enquanto construto significativo político e simbólico que deve ser culturalmente analisado com a interpretação dos padrões de significado inseridos em seus registros documentais.

Diferentemente dos caminhos lógicos propostos por Peirce e Durkheim a respeito das interpretações, escolhemos a metodologia de análise subjetiva por ampliar mais o caminho do simbólico, explorando os elementos culturais enquanto elementos de aprendizagem às culturas e costumes das civilizações, que por sua vez, permeiam as motivações das atividades humanas e na identificação dessas motivações da sociedade.

Desse modo, em razão da construção simbólica do nacionalismo através dos símbolos e das práticas de dominação, procuramos nas representações analisar o campo da produção de sentidos sobre o mundo construído no passado, respondendo por identidades formadas pelo discurso nacionalista do Japão. Partindo do conflito identitário da Segunda Guerra Sino-Japonesa como possibilidade de leitura de um povo, utilizamos do ambiente digital pela potencialidade do acesso e manipulação fotográfica das ferramentas de repositórios digitais e aplicativos de visualização/edições disponíveis para computadores.

Segundo Burke (2005), “o terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações”, ou seja, o mundo das representações nos leva a pensar sobre os diversos e contraditórios discursos ante as modalidades de apropriação dos materiais culturais. Dessa forma, ao se basear em imagens registradas por outras pessoas, frequentemente essas impressões têm pouca ou nenhuma outra informação sobrevivente sobre o conteúdo ou o contexto da imagem, de modo que agregamos outras fontes disponíveis para o tema de pesquisa para buscar uma confirmação múltipla em seu conteúdo e contexto com uma abordagem multimétodo.

Diante da negligência e omissão do governo japonês no tocante às agressões perpetradas pelo exército durante o conflito, não houve um esforço vigoroso para confrontar esses eventos na sociedade japonesa. Isso resultou em uma minimização dos crimes de guerra, que são frequentemente vistos como atos isolados de soldados individuais ou eventos negados, enquanto os bombardeios atômicos de Hiroshima se tornaram um trauma central na identidade japonesa pós-guerra (ALEXANDER *et al.*, 2004; CHANG, 1997).

Surge então a questão da intenção por trás das práticas de apagamento e como a realidade histórica pode ser estabelecida e legitimada com base em evidências escritas, fragmentadas e construídas. Como hipótese deste trabalho, busca-se destacar o reflexo da transformação da memória coletiva do Japão através da manipulação e do silenciamento acerca das interpretações do pós-guerra, enfatizando a centralização extrema da ideologia nacionalista de unidade do imperador com o povo japonês como condicionante para a narrativa negacionista frente a Segunda Guerra Sino-Japonesa.

Com as informações coletadas, buscamos na interseção de métodos entre os discursos e as imagens e as fotografias envolvendo direta e indiretamente no embate da Segunda Guerra Sino-Japonesa, possibilitando a identificação de elementos identitários e políticos no contexto referenciado. Conforme Lenharo (1986), a pura política praticada voltada para o esvaziamento dos conflitos sociais visa relevar a racionalidade, a neutralidade e a eficiência, constituindo o instrumento político pelo qual a teoria da racionalização adentra o mundo das relações.

Dessa forma, a expansão desmesurada do Estado pela sua função modernizadora registra uma hipertrofia no Estado regulador como sujeito histórico para suprir as ausências das forças sociais insipientes do capitalismo (LENHARO, 1986). No caso do Japão, a modernização do militarismo japonês, bem como do ensino da história nas escolas foram acrescidas por excelência no jogo de poder, de maneira que a narração de fatos seletos criaram

uma narrativa “a fim de neutralizar seus conteúdos fatuais antes de substituí-los por outros” (LAVILLE, 1999, p. 130).

De acordo com Pierre Nora (1996), o passado nunca passa, e mesmo os atores que participaram de um cenário permanecem em cena quando outros recém-chegados se aglomeram, potencializando fenômenos durante todo o século. Ou seja, em termos teóricos e práticos, a interação entre o que pertence exclusivamente à memória e à história é resultado da eterna dialética de um passado que permanece presente, de atores que se tornam suas próprias testemunhas e de novas testemunhas que se tornam atores, cabendo a cada sociedade reescrever sua história.

Durante os anos 1930, o Japão perpetrou ações de guerra que afetaram dezenas de milhões de pessoas, eventos posteriormente minimizados pela sociedade japonesa, a exemplo do Santuário Yasukuni, um templo xintoísta localizado em Tóquio que consagra quatorze criminosos de guerra. Na medida em que os registros históricos referentes ao período da Segunda Guerra Sino-Japonesa estiveram sujeitos ao controle político desde o seu início para evitar que qualquer informação pudesse prejudicar o esforço de guerra do Japão, a criação da memória e o esquecimento ditados pelo Estado problematizam a legitimidade dos discursos de unidade a determinados grupos (ALEXANDER *et al.*, 2004; SHOJI, 2003; POLLAK, 1992).

Segundo Wei (2008), o Quartel General Imperial ordenou a destruição de todos os documentos secretos do Japão para encobrir seus erros de guerra e o governo censurou jornais, periódicos, livros didáticos e outros recursos sobre os fatos enquanto eles estavam acontecendo. Ao negar a realidade do sofrimento alheio, o Japão não apenas difunde sua responsabilidade pelo sofrimento, mas muitas vezes projeta a responsabilidade de seu próprio sofrimento na China, restringindo a solidariedade.

Para realizar a leitura e análise críticas dos textos verbais e não-verbais, de forma a salientar a centralização da ideologia nacionalista do Estado japonês, ressaltamos a visão de Anderson (2013) sobre a origem e disseminação do nacionalismo para fundamentar o desenvolvimento de uma consciência comum de eventos, narrativas e ideias dentro de uma comunidade. Como argumenta Sontag (2003, p. 16), “embora um evento tenha passado a significar, exatamente, algo digno de se fotografar, ainda é a ideologia (no sentido mais amplo) que determina o que constitui um evento”, visto que não se pode existir nenhuma prova fotográfica ou de outro tipo, antes que o próprio evento tenha sido designado e caracterizado como tal.

No que se refere à definição de nação enquanto comunidade política imaginada, como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo soberana:

[...] ela é imaginada como uma comunidade porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como urna profunda camaradagem horizontal. No fundo, foi essa fraternidade que tornou possível, nestes dois últimos séculos, que tantos milhões de pessoas tenham-se disposto não tanto a matar, mas sobretudo a morrer por essas criações imaginárias limitadas (ANDERSON, 2013, p. 36).

Sob as lentes teóricas para a construção de um futuro mais justo, trazemos as concepções que consolidaram o sistema imperial nos debates entre historiadores que negam ou minimizam, e ainda aqueles que buscam reconhecimento mais amplo da narrativa oficial representada pelo país. Por meio da expressão imagética da memória, frisamos a importância da fotografia como documento histórico na formação da identidade nacional, pois mesmo que elas não possam criar uma posição moral, elas podem reforçá-la e ajudar a desenvolvê-la (SONTAG, 2004).

Nessa perspectiva, retomamos a função simbólica dos registros históricos e visuais na preservação ou reconstrução do passado, tanto em termos de humanidade quanto no que diz respeito aos mecanismos para justificar e legitimar as violências cometidas pelo Japão contra a China, enunciando o Estado como lugar onde a nação e seus componentes se criam enquanto projeto (LENHARO, 1986).

Através dos olhos, a necessidade de um registro visual da própria imagem como mensagem influenciou diretamente no modo de fazer fotografia pelos fotógrafos já que o trabalho com determinadas imagens tinha papel considerável na construção das histórias narradas por meio da fotografia. “Faz parte da utilização da fotografia como instrumento de convencimento ideológico o estabelecimento de relações entre duas imagens, e entre imagens e legendas” (ZERWES, 2018, p. 101).

FIGURAS 1 E 2 – Cartazes em Wuhan, China [1938?]



FONTE: Acervo de fotografias históricas da China, Universidade de Bristol, 1938.

Na fotografia acima [FIGURA 1], um cartaz anti-japonês onde se está grafado “債血取索寇的惡萬向要們” (Zhài xuè qǔ wǒkòu de è wàn xiàng yàomen) ganha destaque em relação aos indivíduos que o observam, fazendo uma contraposição destes em uma perspectiva estética na qual é dado um rosto inimigo para a guerra, engendrando por vezes, elementos que não são comumente associados ao evento da guerra em si, potencializados pelo enquadramento ao redor de apenas duas pessoas. Não sendo uma cena aberta, de multidão, o retrato personalizado destacando o posicionamento das pessoas reflete tentativa de denúncia das barbaridades da guerra.

Na tradução do slogan “Os atos malignos dos invasores japoneses e suas dívidas de sangue são implacáveis e serão cobrados de todos” registra uma propaganda visual de resistência chinesa veiculada nas ruas e prédios frente à invasão japonesa no país. Durante o século XX, a Segunda Guerra Sino-Japonesa, denominada Guerra de Resistência contra a Agressão Japonesa, estendeu a utilização do termo da literatura chinesa do final da Dinastia Ming para também se referir ao exército japonês que invadiu a China, um termo pejorativo, o qual não sendo equivalente às palavras inglesas “pirata”, “corsário”, “bucaneiro” ou “piratas bárbaros” lança luz sobre imagens, temas e fenômenos comuns em diferentes culturas e literaturas (WANG, 2021).

O termo chinês wokou é multivalente. Com suas duas escritas individuais — wo (japonês) e kou (bandidos) — a palavra significa sete tipos de pessoas ligadas ao mar: os japoneses da orla ocidental do arquipélago; comerciantes sem licença; bandos de marinheiros compostos por japoneses, chineses, coreanos, europeus, sul e sudeste asiáticos e africanos que saqueavam e comerciavam por toda a Ásia Oriental; chefes contrabandistas chineses; moradores do litoral ocidental japonês, da Ilha de Tsushima à Península de Kii; todos os japoneses; e povos do mar e demônios da água (WANG, 2021, p. 14, tradução nossa).

Na imagem seguinte [FIGURA 2], embora partes estejam distorcidas ou desfocadas, alguns caracteres textuais podem ser identificados, descrevendo atos de violência. Com tradução da frase “中外人類屈辱史的紀錄” (Zhōngwài rénlèi qūrǔ shǐ de jìlù), obtém-se “Um registro da história humilhante da humanidade, tanto na China quanto no exterior”, fornecendo detalhes de um relato histórico que explicitam o horror da guerra, tais como “殘忍人道” (crueldade desumana) e “投和強姦行為” (atos de violência e estupro).

Vale ressaltar que o trecho “這是慘無人道的殘段和強多行為” (Zhè shì cǎnwúréndào de cán duàn hé qiáng duō xíngwéi) chama bastante atenção, pois significa que “Este é um ato desumano e brutal” acompanhando a imagem de “人用刀把人肚子剖開，取了肝子，部流著鮮血而掏出來”， sendo “uma pessoa abriu o abdômen de outra com uma faca, removeu o fígado e o arrancou enquanto ainda sangrava”. Outro ponto importante é o de que a repetição do caractere “了” (le) marca o aspecto de uma ação concluída, sugerindo a narração de uma sequência de ações de violência que já foram realizadas.

O mesmo enfoque é mantido em ambas as fotografias, nos fazendo ponderar acerca dos registros que podem ser encontrados em outros lugares, e o que mais eles ainda podem nos oferecer por meio do passado. Além da politização da arte pensada pelos símbolos nos quais se observam a representação da vida e da destruição da guerra, as composições das imagens reúnem uma seleção de cartazes, banners e pôsteres de propaganda visual feitos pela L’Association des Étudiants Chinois du Retour de FBS (Associação de Estudantes Retornados da França, Bélgica e Suíça).

Tais fotografias vieram de um álbum de impressões que foram vendidas, página à página, pertencente a Leslie Reginald Frederick Shrimpton (1910-1964) que serviu à Marinha Real no Rio Yangtze na canhoneira HMS Falcon entre 1937 e 1939. Embora não tenham sido fotografadas por profissionais, nota-se que houve ao menos uma seleção dentre elas para

compor o seu álbum, visto que possuem a data estimada em 1938, período antes da captura de Wuhan pelo Exército Imperial do Japão no verão do mesmo ano.

Considerando que o sistema político japonês foi estruturado no contexto de uma sociedade historicamente organizada com base em princípios de superioridade e moralidade, evidenciamos o nacionalismo unificador de Hobsbawm (1990) no reforço de estereótipos que contribuíram para a marginalização de grupos no Leste Asiático. Essa configuração, sustentada por uma ideologia de superioridade racial e civilizacional, não foi apenas uma ocupação física imposta, mas uma tentativa de assimilação cultural forçada, expressando políticas imperialistas por meio da negligência das pluralidades e identidades locais.

A respeito da transmissão de legados culturais, a memória integra o sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, e também caracteriza um fator importante do sentimento de continuidade, existindo traços que se preservam na identidade de uma nação (POLLAK, 1992). Por meio das fotografias e da análise documental de protocolos, declarações e arquivos institucionais, procuramos analisar o campo da produção de sentidos nas representações visuais como um processo que resistiu, às quais se manifestam em palavras, imagens, discursos e outras práticas.

Toda imagem fotográfica tem atrás de si uma história. Se, enquanto documento, ela é um instrumento de fixação da memória e, neste sentido, nos mostra como eram os objetos, os rostos, as ruas, o mundo, ao mesmo tempo, enquanto representação, ela nos faz imaginar os segredos implícitos, os enigmas que esconde, o não manifesto, a emoção e a ideologia do fotógrafo (KOSSOY, 2005, p. 7).

Conforme pontuado por Becker (2009), as representações da sociedade são feitas e utilizadas nas organizações sociais para serem compreendidas em seus respectivos contextos, sendo que no caso específico da fotografia, este contexto organizacional pode apreender diferentes significados inerentes em si. Sobre o uso do termo “representações”, estas não possuem significados fixos, vivem em contextos sociais e são verdade e ficção, podendo assumir significados muito diferentes dependendo do uso final que é feito delas, seja em documento ou construção imaginativa.

De acordo com Kossoy (2005), a fotografia é sempre ambígua, seja ela analógica ou digital, ou produto da realidade material ou virtual, e apesar das ambiguidades, reconstituir é preciso e, para tanto, um exercício que se faz necessário para comunicarmos com as imagens e resgatar suas realidades. Desse modo, a característica ontológica da fotografia de

construir realidades não corresponde a uma mera substituição do objeto ou do ser ausente, mas pressupõe a elaboração de uma nova realidade, registrando a realidade exterior.

Sendo assim, Kossoy (2001; 2005) indica a necessidade do resgate, do diálogo e da interpretação sistemática dos códigos e das realidades que se inserem no processo de construção da representação, propondo a organização da aparência na imagem fotográfica como a base ideológica que rege a construção estética da representação fotográfica. Isso significa que dependendo das palavras que rodeiam uma imagem, esta pode ser transformada em um “testemunho”, em uma imagem “comprobatória” de pseudo-inferioridades raciais, sociais e religiosas, construindo, portanto, estigmas e ficções documentais (KOSSOY, 2005).

Dando continuidade à arte de manipular a opinião pública por meio de mídias visuais multimodais, visando especialmente o público, em geral, menos instruído, a visualização e descrição das imagens tenta compreender o contexto racial subjacente e o impacto emotivo como complementos úteis em seu contexto histórico. Se é difícil afirmar o quanto tais fotografias mudaram a opinião pública, pode-se apreciar como a cultura visual emergente transformou a maneira como as sociedades modernas se comunicam e direcionam os pensamentos de seus cidadãos.

Em 2025, o octagésimo aniversário da Segunda Guerra Sino-Japonesa, encerrada com o Tratado de Shimonoseki, concomitante ao final da Segunda Guerra Mundial, marcou as depredações do governo imperial do Japão na República Popular da China, incluindo o assassinato em massa de soldados e civis chineses capturados e demais evidências da tragédia humana. Com a publicação das fotografias, sinalizando evidentemente uma mudança na tolerância do decoro público, a saturação de imagens ao mundo contemporâneo talvez permitiu aos espectadores acreditar na diminuição da moralidade ou ainda na criação de uma ilusão de consenso, generalizado por Sontag (2004) como o “efeito de choque”.

No que se refere ao potencial de mobilização do nacionalismo japonês através das representações e ícones nacionais, Maruyama (1964) argumenta que a produção de um inimigo nacional, ou pelo menos, de uma ameaça nacional é a condição prévia para a transição de uma consciência nacional apolítica para formas de nacionalismo muito mais politizadas, criando um senso de conexão e domínio mais exclusivista e agressivo. Assim, as representações visuais tornam-se espaços para contestar a verdade histórica, funcionando como um terreno para uma batalha política sobre memória e história e a promoção do nacionalismo.

CONCLUSÃO

Este trabalho procurou compreender o nacionalismo e a formação da identidade nacional do Japão nas representações visuais da Segunda Guerra Sino-Japonesa por meio do estudo bibliográfico e da interpretação da imagem, abordando a relação entre a fotografia e a memória nas narrativas históricas e suas respectivas interpretações. Vale ressaltar que esta pesquisa se encontra em desenvolvimento; portanto, cada uma das análises dos arquivos de fotografias constituiu parte dos aspectos parciais, o que permite supor que possa haver leituras distintas entre os resultados a serem obtidos até a sua finalização.

Na busca de questionar a documentação da história na guerra, recorremos a um processo de observação do conflito como importante fonte de formação da identidade nacional do Japão, refletindo acerca do referencial teórico apresentado em virtude da memória enquanto produção de sentido histórico de cada época. Com base nos resultados preliminares obtidos através do diálogo estabelecido entre as análises de fotografia e o levantamento bibliográfico, a mobilização do discurso político japonês, impulsionado pela estrutura de guerra total no contexto, enfatizou o uso estratégico das narrativas de imaginação étnica como uma ferramenta política, ressaltando a identidade nacional militarista a partir da função epistêmica da imagem fotográfica.

É importante diferenciar o nacionalismo do Japão Imperial e o expansionismo militar, já que o primeiro, ligado à construção de uma identidade nacional, se fundia com o segundo, que por sua vez, tinha como objetivo a construção de um império asiático sob a liderança do Japão. Dessa forma, o nacionalismo japonês durante o período da Segunda Guerra Sino-Japonesa não só reforçava a ideia de que o Japão era uma nação superior, como também visava unificar o restante da Ásia sob sua dominação, refletindo a construção da identidade pela imposição do domínio externo.

Embora a fotografia possa registrar o tempo público, esta também pode referir-se apenas a memórias privadas ou ainda suprimir a temporalidade em favor de um denominador estrito, criando um senso de representação que transcende o fluxo do tempo e tensiona os múltiplos sentidos das memórias que fazem parte da identidade japonesa. Nesse cenário, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para próximas oportunidades de delinear novas perspectivas acerca das representações no contexto da guerra, já que os dados sugerem a possibilidade de maior aprofundamento, dadas as diferentes estruturas históricas e sociais que condicionam as suas trajetórias e produções.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Jeffrey C. *et al.* **Cultural trauma and collective identity**. Oakland: University of California Press, 2004.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BECKER, Howard S. **Falando da sociedade: Ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o local**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CHANG, Iris. **The Rape of Nanking: The Forgotten Holocaust of World War II**. Nova York: Basic Books, 1997.
- DOAK, Kevin M. What Is a Nation and Who Belongs? National Narratives and the Ethnic Imagination in Twentieth-Century Japan. **American History Review**, pp. 283–309, 1997.
- HATA, Ikuhiko. **Comfort Women and Sex in the Battle Zone**. Connecticut: Hamilton Books, 2018.
- HIGASHINAKANO, Shudo. KOBAYASHI, Susumu. FUKUNAGA, Shinjiro. **Nankin Jiken: “Shokoshashin” wo Kenshosuru**, (Analyzing the “Photographic Evidence” of the Nanking Massacre). Tokyo: Soshisha, 2005.
- HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOBSBAWM, Eric J. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- IGARASHI, Yoshikuni. **Narratives of War in Postwar Japanese Culture, 1945-1970**. Nova Jersey: Princeton University Press, 2000.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. Cotia: Ateliê, 4ª ed., 2001.
- _____. O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 49, pp. 35–42, 2005.
- _____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia: Ateliê, 2007.
- LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. Francisco Pereira de Lima. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 19, n. 38, pp. 125–138, 1999.
- LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**, Papirus, 1986.

MARUYAMA, Masao. **Gendai-seiji no shiso to kodo** (Thoughts and Actions in Contemporary Politics). Tokyo: Miraisha, 1964.

MORRIS-SUZUKI, Tessa. The Invention and Reinvention of “Japanese Culture”. **The Journal of Asian Studies**, Association of Asian Studies, v. 54, n. 3, pp. 759–780, 1995.

NORA, Pierre. **Realms of Memory**. Nova York: Columbia University Press, 1996.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução de Monique Augras. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, pp. 200–212, 1992.

ROTHBERG, Michael. **Multidirectional Memory: Remembering the Holocaust in the Age of Decolonization**. Redwood City: Stanford University Press, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **A Teoria Geral dos Signos: semiose e autogeração**, São Paulo: Editora Ática, 1995.

SANTOS, Camila Araújo dos. Combate à desinformação e o protagonismo social do sujeito: inter-relação entre os estudos culturais de Stuart Hall e a competência em informação e em mídia. **Encontros Bibli**. Florianópolis, v. 28, Dossiê Especial, Universidade Federal de Santa Catarina, 2023.

SHOJI, Jun’ichiro. **Historical Perception in Postwar Japan**. Concerning the Pacific War. NIDS Security Reports, n. 4, pp. 109–133, 2003.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Sobre Fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TANAKA, Yuki. **Hidden Horrors: Japanese War Crimes In World War II**. Nova York: Routledge, 1996.

WANG, Yuanfei. **Writing Pirates: Vernacular Fiction and Oceans in Late Ming China**. Michigan: University of Michigan Press, 2021.

WEI, C.X George. Politicization and De-Politicization of History: The Evolution of International Studies of the Nanjing Massacre. **The Chinese Historical Review**, v. 15, n. 2, pp. 242–295, 2008.

YANG, Daqing. Convergence or Divergence? Recent Historical Writings on the Rape of Nanking. **The American Historical Review**, v. 104, n. 3, pp. 842–865. Oxford University Press, American Historical Association, 1999.

ZERWES, Erika Cazzonatto. **Tempo de guerra – cultura visual e cultura política nas fotografias dos fundadores da agência Magnum, 1936-1947**, Intermeios, FAPESP, 2018.

CHECKLIST PARA PAPER COMPLETO	
NORMAS	ASSINALAR COM “✓” OU “OK”
Logo do 14º SNS&P na primeira página	✓
Texto entre 12 e 15 páginas (excluindo capa e referências)	✓
Formato de papel A4	✓
Margens superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm	✓
Fonte Times New Roman, tamanho 12	✓
Recuo de 1,25 cm para a primeira linha de cada parágrafo	✓
Espaço entre linhas de 1,5	✓
Referências conforme normas o “Manual de Normalização de Documentos Científicos de acordo com as normas da ABNT” [UFPR]: < https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/73330 >	✓
Conversão do arquivo em .pdf	✓